

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
15 a 19 de outubro de 2012**

ANÁLISE DA COBERTURA JORNALÍSTICA IMPRESSA DOS EVENTOS DE HEAVY METAL DE FREDERICO WESTPHALEN

Joana Strunz da Frota

Artigo científico apresentado ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo como requisito para aprovação na Disciplina de TCC I, sob orientação do Prof. Luís Fernando Rabello Borges e avaliação dos seguintes docentes:

Prof. Luís Fernando Rabello Borges
Universidade Federal de Santa Maria
Orientador

Prof. Carlos André Echenique Dominguez
Universidade Federal de Santa Maria

Prof. José Antonio Meira da Rocha
Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Luciano Miranda
Universidade Federal de Santa Maria
(Suplente)

Frederico Westphalen, 8 de outubro de 2012.

Análise da cobertura jornalística impressa dos eventos de heavy metal de Frederico Westphalen

RESUMO

O presente artigo é um estudo da forma como a mídia frederiquense faz suas coberturas dos eventos de rock, mais especificamente o heavy metal. O estilo possui um público forte e fiel na cidade. Foi analisado o jornal O Alto Uruguai, com suas coberturas de um dos primeiros representantes do estilo na cidade, a banda Snakes, que já encerrou suas atividades, e um dos principais festivais do gênero, o Na Mira do Rock, atualmente indo para sua oitava edição. Apesar de alguns progressos, a cobertura jornalística impressa do heavy metal no município ainda é bastante precária, havendo muito a ser aprimorado e modificado.

PALAVRAS-CHAVE: Heavy Metal; Frederico Westphalen; Jornalismo de Rock.

1. INTRODUÇÃO

O heavy metal é um estilo derivado de influências do rock que a cada década possui mais seguidores, fazendo com que esse estilo musical se mantenha vivo há mais de 40 anos. Os famosos headbangers sempre foram fiéis à música com características de altas distorções amplificadas, prolongados solos de guitarra e batidas enfáticas.

Na cidade de Frederico Westphalen, há sete anos a tribo dos metaleiros ganhou um espaço que a cada ano se solidifica mais. Desde o ano de 2005, o evento anual Na Mira do Rock vem crescendo, se consolidando e conquistando espaço na região entre os roqueiros e headbangers. Mas o heavy metal não começou a ganhar destaque tão tarde assim. Cinco anos antes, a banda Snakes, formada por Murilo Medeiros, Guta e Juliano Becker, começou a fazer shows em eventos na cidade e região. Com o repertório bastante pesado, com covers de bandas como Nightwish, Rush, Ozzy Osbourne e Iron Maiden, a banda se consagrou como uma das pioneiras no estilo.

Mas a divulgação e o incentivo nos meios de comunicação da cidade quase sempre foram insuficientes para popularizar o estilo. A mídia frederiquense sempre deu ênfase e destaque para as bandas não locais, desprezando assim a cultura fabricada na cidade. Apesar de Frederico Westphalen não ter, nas suas bases culturais, características inerentes a este estilo, aos poucos esse desprezo está mudando.

Para Frederico Westphalen, em que não havia um histórico de produções artístico culturais do gênero, é por meio de festivais, shows e eventos que a cidade cada dia oferece mais entretenimento voltado ao heavy metal. Mas será que a mídia frederiquense está preparada para assumir essa demanda do underground? Será que o espaço aberto para bandas como a Snakes foi suficiente para uma banda genuinamente da cidade?

E um festival que este ano está indo para sua 8ª edição, desde 2005, sem falhar um ano, o Na Mira do Rock, já assegurou um bom espaço em termos de cobertura jornalística?

Em suma, vamos analisar como o jornalismo cultural e de rock é praticado nesses dois objetos, a banda Snakes e o festival Na Mira do Rock.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Breve histórico do heavy metal

Popularizado nos anos 80 e nascido na Inglaterra, o heavy metal teve sua base no velho e bom rock 'n roll, apesar de ter praticamente se tornado um gênero à parte, com várias subdivisões.

Sonoramente, o estilo surgiu com riffs complexos de guitarras e solos, geralmente longos e com refrões muito marcantes. O que diferencia o heavy metal dos demais estilos são as guitarras distorcidas, utilização de muito pedal e a alternância de andamentos rápidos e lentos, enquanto nos demais estilos a guitarra seguidamente apenas acompanha a musicalidade e o contexto da melodia.

No início da década de 1970, os grupos britânicos Black Sabbath, Led Zeppelin e Deep Purple foram considerados os pais do estilo. Esses grupos tiveram uma grande influência de blues, folk, erudito, jazz, misturando vários outros estilos, criando assim um estilo híbrido, onde sua musicalidade é toda centrada nos sons das guitarras.

Quando o estilo se popularizou em 1980, surgiu uma cena que veio a se tornar conhecida como “New Wave of British Heavy Metal”, com bandas como Iron Maiden, Saxon, Angel Witch, Raven, entre muitas outras.

Junto ao heavy metal, nasceu uma série de subgêneros, que são: black metal, death metal, doom metal, folk metal, groove metal, power metal, prog metal, speed metal, trash metal e gothic metal. O heavy metal

movimenta e hipnotiza jovens de todos os cantos do mundo com grande intensidade e fervor. É a única corrente do Rock a ter penetração imediata nos mais distantes recantos do planeta, pois seu apelo é universal, primitivo, simples e direto (LEÃO, 1997, p. 18).

Impossível não reconhecer um headbanger (termo utilizado para os fãs de heavy metal): cabelos longos, camiseta preta, tatuagens, acabaram se uma tribo dentro do seu estilo, “os jovens cada vez procuram formas alternativas de agrupamento que forneçam sentido às

suas vidas” (HELAL, 2010). Os *headbangers* são, hoje, pessoas que tentam mudar seus estilos de vida, e trazendo um pouco desse estilo musical para suas atitudes do dia-a-dia.

A música é uma das manifestações artísticas universais, que tem o poder de unir e integrar culturas e pessoas. É com a música que muitas pessoas criam o seu estilo de vida e mudam hábitos. Um dos estilos de música mais característicos nesse sentido é o heavy metal. Segundo Jaime Luiz da Silva (2008), durante a década de 70 “o *rock* espelhou a desilusão da geração ‘paz e amor’ na agressividade do *heavy metal* e, posteriormente do desespero niilista do punk”.

O rock e o heavy metal no Brasil

No Brasil, também foi na década de 80 que o estilo se consagrou. O LP da banda Strass foi o primeiro álbum do gênero gravado no Brasil. Nesta época, o metal se popularizava entre jovens brancos e de classe média, pois a aquisição de CDs e LPs custava um valor elevado, pois eram em sua maioria importados. Para Marcos Júnior (2011), vale notar que os adeptos do heavy metal também necessitavam de outro tipo de capital: a educação musical e o conhecimento da língua inglesa (utilizada na maioria das músicas do gênero).

Na época, também a mídia relacionada a esse estilo era bastante escassa. A primeira publicação lançada no hemisfério sul foi a Rock Brigade, em 1982, inicialmente em fanzine, para logo depois se transformar em revista, que existe até hoje.

Com o passar do tempo, o estilo foi crescendo cada vez mais no país. Entre os anos de 1990 e 2000, o número de *headbangers* aumentou significamente. Para Marcos Júnior (2011), o advento da tecnologia e da popularização da internet no Brasil também democratizou o acesso ao heavy metal, tornando o seu consumo cada vez mais viável para classes de poder aquisitivo mais baixo.

Nos anos 80 e 90, grandes festivais como o Rock in Rio e o Hollywood Rock popularizaram o rock pelo país, e especialmente o Rock in Rio II, de 1991, se tornou importante por contribuir para a consolidação de uma banda de *thrash* metal brasileira, o Sepultura. A banda, que até então era conhecida pela mídia internacional, passou a ser conhecida também no país de origem e pela mídia especializada no gênero.

Jornalismo de rock

A exemplo do jornalismo cultural e do próprio jornalismo em um sentido mais amplo, o jornalismo de rock é composto por entrevista, notas, notícias, resenhas e críticas. O primeiro produto de jornalismo de rock tal como se conhece hoje é a revista norte-americana Rolling Stone, lançada em 1967. No Brasil, a principal publicação foi a revista Bizz, que circulou entre 1985 e 2001, com um breve retorno de 2005 a 2007.

Não é sempre que percebemos esse estilo musical na mídia, seja em rádios, programas de televisão ou resenhas em cadernos culturais. Como afirma Piza (2007), é possível lermos muitas resenhas sobre bandas novas, discos, shows nos cadernos de cultura, porém depois de um tempo perdemos a ideia do isso significou para um determinado público.

Outra perda do jornalismo cultural em meio a essa confusão de valores, além da credibilidade crítica, é sua submissão ao cronograma dos eventos. Lemos muito sobre discos, filmes, livros e outros produtos no momento de sua chegada ao mercado – e, cada vez mais, antes mesmo de sua chegada, havendo casos em que a obra é anunciada (e, pois, qualificada) com diversos meses de antecedência. No entanto, raramente lemos sobre esses produtos depois que eles tiveram uma “carreira”, pequena que seja, e assim deixamos de refletir sobre o que significaram para o público de fato (PIZA, 2007, p.51).

Hoje, tanto o jornalismo de rock quanto o de metal cresceram muito, graças à popularização da Internet, que fez as informações chegarem mais rapidamente para todos. Marcos Júnior (2011) afirma que este mercado hoje movimenta bilhões de dólares, pois é reconhecido por música, produtores e consumidores do estilo.

Este fato pode ser facilmente verificável pela observação da quantidade de websites, bandas, escolas destinadas à formação musical especializada no estilo, revistas, rádios e canais de TV, assim como vários outros veículos de comunicação, como as famosas “zines”, populares no meio do *underground* e muitas vezes feitas pelos próprios fãs sem fins lucrativos (JUNIOR, 2011, p.07).

No Brasil temos muitos sites especializados no jornalismo sobre metal. Um deles, muito famoso entre os headbangers, é o Whiplash.net. O Whiplash é um site especializado no mundo do heavy metal, atualizado diariamente com dezenas de notícias do mundo do metal, onde passa a ser também um ótimo divulgador de shows e festivais pelo país. O site é alimentado por colaboradores e apaixonados pelo estilo. Na internet, também existem canais no Youtube que abrangem o heavy metal, como por exemplo o Lokaos Rock Show e outras revistas online.

Mas o jornalismo impresso de rock construiu um caminho pelas bancas do país e até hoje muitas revistas continuam em circulação. O jornalismo de rock iniciou-se no país na década de 60, com a Revista de Rock, que abordava fotos, fofocas, biografias e letras. Segundo Saldanha (2005), a revista serviu para dar rosto às vozes que só eram conhecida

através do rádio. Mas foi apenas em 1972 que surgiu a primeira publicação de rock mais aproximada dos moldes que conhecemos hoje, a versão brasileira da revista norte-americana Rolling Stone.

A grande mudança que aconteceu com a chegada da Rolling Stone foi que a revista era produzida por uma geração que já estava envolvida com o rock. Eram os jovens que tinham crescido com o ritmo, e que não precisavam usar gírias a todo instante para se aproximarem do público alvo. Além disso, outra característica que aparece pela primeira vez na Rolling Stone é a visão crítica do rock como arte e forma de expressão, fruto da geração que já não enxergava o rock n'roll como um produto que só duraria por mais alguns anos (SALDANHA, 2005, p.24).

A Rolling Stone acabou em 1973, mas foi fundamental para abrir espaço e oportunidade para o jornalismo musical e mudou o estilo de como se fazer jornalismo de rock no país, com uma outra linguagem diferente daquela utilizada nos anos 60.

Nos anos 80, o jornalismo de rock ficou muito mais especializado, porque os jornalistas dessa década foram criados pelo rock dos anos 70 na sua adolescência. Nesta década, surgiu como fanzine a Rock Brigade, primeira produto impresso brasileiro especializado no segmento heavy metal, que logo depois se tornaria uma revista, que encontra-se em circulação até hoje, já sendo portanto a revista de rock mais duradoura do país. E, em 1985, surgiu a Bizz, ainda a mais célebre publicação de rock brasileira.

E na década de 90 surgiram a Backstage e a Top Rock, ambas também atuando no segmento do heavy metal.

Rock e metal na mídia

As informações para o público headbanger é muito escassa. No país possuímos poucos meios de comunicação que são veiculados mensalmente, mas, depois da popularização da internet, o acesso a informações sobre bandas, discos e agenda de shows ficou muito melhor.

A partir de meados da década de 1980, nos dois maiores centros produtores e consumidores de rock, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, diversas bandas passaram a gozar de maciça execução em estações de rádio e televisão, em um sinal de que o Heavy Metal estava deixando de ser uma manifestação cultural com características só reconhecidas por iniciados e membros do mesmo grupo, para ser assimilado por uma audiência massiva e indistinta. Alguns de seus aspectos mais agressivos e distintivos, como as guitarras fortemente distorcidas, a velocidade das músicas e os vocais estridentes, começaram a ser suavizados e diluídos, facilitando sua assimilação por um público mais amplo (SILVA, 2008, p.24).

Os apreciadores desse estilo costumam ser bastante fiéis ao mesmo, e utilizam geralmente camisetas pretas e cabelos compridos. São conhecidos como headbangers,

denominação derivada de uma gíria que, traduzida ao pé da letra, significa “batedor de cabeça”. Fazendo parte de um grupo, podemos determinar que são parte de uma tribo.

As produções de sentido de determinados agrupamentos de indivíduos, sujeitas a um conjunto de regras de seleção e combinação que assinalam sua opção por determinadas temáticas e definem as estratégias e configurações discursivas que as enformam a partir de certos gostos, valores e afetos. As práticas discursivas são, então, modos específicos de configuração dos sentidos, presentes em determinados produtos midiáticos (JANOTTI, 2003, p.13).

Levando em consideração que o heavy metal não é tão popular em outros segmentos, por exemplo, uma pessoa que gosta de música pop pode também gostar de axé music, mas dificilmente um headbanger irá gostar de axé e seus subgêneros.

Não é verdade que o pop não exija conhecimentos prévios. Basta ler qualquer resenha de música pop nos jornais – para não falar das revistas especializadas – que se sente a mediação de um código específico, cheio de termos e normas, não raro sem o menor esforço de se aproximar do “leigo” (PIZA, 2007, p.55).

Para Saldanha (2005), tudo aquilo que é produzido pelo pensamento ou pela ação humana e transmitido para as gerações posteriores é, por definição, cultural. Piza (2007) ainda afirma que a segmentação de estilos, principalmente na música, é uma grande questão que o jornalismo cultural precisa enfrentar. A falta de comunicação entre as “turmas”, como ele define, complica o exercício do jornalismo especializado.

Acompanhando até certo ponto a própria segmentação do mercado cultural, cada vez mais subdivididos em gêneros, eles aparecem sucumbir ao que se poderia chamar de tribalização ou guetização. Soam como porta-vozes de grupos que mal se comunicam. A música, por exemplo, não é mais separada em “erudita” e “pop” (ou “pop-rock”), mas também em jazz, metal, blues, rap, tecno e o que mais o futuro reservar. E essas “turmas” não exercem muita comunicação entre si; os fãs de cada gênero, que em geral se vestem e se comportam de acordo com essa preferência (vão aos mesmos lugares, consomem as mesmas marcas, pensam e se expressam da mesma forma), não têm interesse senão circunstancial pelos outros (PIZA, 2007, p.56).

As bandas adeptas do heavy metal possuem letras que tratam de sentimentos de angústia, dor, tristeza e melancolia, Silva (2008) afirma que essas letras afastam as ramificações dos domínios pela música pop, que são geralmente de fácil assimilação e consumida de forma demasiadamente massiva e indistinta. E é por essa razão que, segundo ele, bandas do estilo dificilmente aparecem em programas de rádio e televisão.

Portanto, é com dificuldade que os headbangers têm acesso a conteúdos das suas bandas preferidas, releases de CDs, resenhas de shows em cadernos de cultura populares. Por outro lado, há muitos produtos segmentados: programas de rádio online, revistas

especializadas, sites e fóruns na internet. Para Silva (2008), “segmentar a produção jornalística, obviamente, também é uma estratégia mercadológica, uma vez que, ao tratar de interesses mais específicos, tenta-se atingir novos nichos de consumidores e de anunciantes”.

3. METODOLOGIA

Logo que comecei a morar na cidade, percebi que havia um público pequeno mas fiel para o rock e o heavy metal. Como fã do estilo desde a minha pré-adolescência, fui em alguns shows num pequeno pub existente perto da minha casa, e aos poucos conheci pessoas empenhadas em mostrar o metal para a cidade. Quando o trabalho de conclusão de curso foi se aproximando, tive a certeza que gostaria de escrever sobre música, mais especificamente o heavy metal. Então, entre algumas ideias, e em conversas com meu orientador, decidi pela escolha da cobertura jornalística do heavy metal frederiquense pela mídia impressa local.

Como sempre acompanhei sites e revistas sobre o assunto, já tinha uma noção de que o estilo sempre enfrentou algum preconceito, ou realmente não é mostrado em veículos não segmentados. Então, delimitando o assunto, escolhi falar sobre uma das primeiras bandas de metal de Frederico Westphalen, a Snakes, fundada em 2000 e única representante frederiquense do estilo durante a primeira metade daquela década; e o festival Na Mira do Rock, realizado anualmente desde 2005. Dessa forma decidi partir para a entrevista em profundidade, na qual eu interajo constantemente com os entrevistados.

A entrevista é uma técnica através da qual o pesquisador se coloca diante do participante para quem faz perguntas com o objetivo de obter informações que contribuam para a investigação. Trata-se de um diálogo assimétrico em que o pesquisador busca coletar dados e o interlocutor se apresenta como fonte de informação. As entrevistas procuram explorar o que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem e desejam. (VEIGA, 2001, p. 05)

Meu primeiro contato para conversar sobre o assunto foi com Murilo Medeiros, ex-vocalista da Snakes. Murilo me contou sobre a trajetória, os shows e sobre como eram vistos na própria cidade deles. Além disso, ele me emprestou uma pasta repleta de conteúdos da banda, com fotos, cartazes e recortes de jornais. E assim fiz um levantamento de todos os shows que a banda fez dentro da cidade. Esse foi o meu primeiro passo para iniciar o trabalho.

O segundo passo foi entrar em contato com Luiz Carlos Nunes, o Fuga, organizador do Na Mira do Rock, apresentador de programa de mesmo nome na Rádio Comunitária FM (97.9), de Frederico Westphalen, e responsável pela coluna “Sem Censura” – a qual assina como “Mr. Rock” – no Jornal Frederiquense. Fuga me passou todas as datas das sete edições do festival realizadas entre 2005 e 2011.

De posse das informações fornecidas por Murilo e Fuga, fui atrás de todas as matérias, uma por uma, sobre cada show dos Snakes e do Na Mira do Rock. Entrei em contato com o jornal Folha do Noroeste, pedindo acesso ao seu arquivo de jornais, porém a informação que me deram é que eles não tinham um arquivo, mas que o curso de História da URI estaria organizando um acervo do jornal. Consegui o contato do coordenador do curso, que permitiu o meu acesso às caixas em que o jornais estavam guardados, mas já avisando que não estavam organizados e não tinham todos os exemplares. Revirando as caixas, realmente percebi que não existia arquivo, acervo nenhum ali, eram somente jornais, com muitas datas repetidas, jogados dentro de três ou quatro caixas. Dessa forma, precisei eliminar o Folha do Noroeste da minha saga.

O outro veículo que foi procurado foi o Jornal Frederiquense, esse bem mais recente que o Folha do Noroeste, mas que igualmente possui problemas em termos de disponibilização de arquivo. Além disso, trata-se de um jornal iniciado em 2007, sendo portanto muito recente para uma pesquisa cuja abrangência tem como ponto de partida o início dos anos 2000.

Surpreendentemente, há um único veículo impresso de Frederico Westphalen que cumpre a tarefa básica de manter um acervo com suas edições, O Alto Uruguai, razão pela qual este acabou sendo o único jornal abordado neste trabalho. O arquivo do jornal encontra-se disponibilizado em encadernações de vários exemplares. A digitalização do acervo em arquivos pdf é uma ideia ainda sem previsão de ser concretizada. Sendo assim, precisei de dois dias para realizar a minha análise, lá mesmo na sede do jornal, já que não é permitida a realização de fotocópias de suas páginas – razão pela qual não há anexos do jornal neste artigo.

Feita a análise da cobertura dos shows da Snakes e do Na Mira do Rock, entrevistei Patrícia Cerutti, responsável pelo Alto Uruguai, além de Carlos Trelles, diagramador do jornal e, juntamente com Fuga, responsável pela organização das cinco primeiras edições do Na Mira do Rock, realizadas de 2005 a 2009.

Do lado da Snakes, entrevistei também Maria Augusta Medeiros, a Guta, baixista da banda e irmã de Murilo, e o guitarrista Juliano Backer. Ambas as entrevistas foram realizadas por e-mail, já que atualmente eles não estão morando em Frederico Westphalen, ao contrário de Murilo, cuja entrevista foi realizada pessoalmente, podendo ser gravada em áudio.

O Na Mira do Rock foi contemplado através de entrevista (também gravada) com Fuga, organizador do evento.

Por fim, de forma a contemplar os tempos mais recentes de cobertura jornalística do heavy metal em Frederico Westphalen, foram entrevistados: os 4 integrantes da banda

Datavenia (o vocalista Gabriel Busatto, o guitarrista Gabriel Quatrin, o baixista Guilherme Argenta e o baterista Fernando Pegoraro), representante do metal frederiquense desde 2007, ano do fim dos Snakes logo após gravarem seu DVD; o headbanger Lucas Silveira; e Sandro Vieira, vocalista da banda Fliperama, representando o rock em um sentido mais amplo.

4. ANÁLISE

Os shows das Cobras

Formado por Duda (bateria), Murilo Medeiros (vocal), Juliano Backer (guitarra solo, vocal) e Guta Medeiros (baixo, vocal), os Snakes realizaram muitos shows para o público headbanger de Frederico Westphalen desde o ano de 2000, em festivais de rock realizados na cidade, na região e fora dela. Encerraram suas atividades no final de 2007, pouco tempo depois do lançamento de seu DVD, e desde então fizeram apenas algumas esporádicas reuniões e apresentações.

A banda se apresentou na 1ª edição do festival Frederico Rock Show, que aconteceu no mês de julho do ano de 2000. Nos recortes encontrados sobre as datas do primeiro Frederico Rock Show, apesar de quatro noites de shows, havia apenas uma pequena nota com dois parágrafos dizendo que aconteceu o festival. O primeiro parágrafo é um lead, dizendo onde aconteceu, o que se realizou nas noites, mas não cita nenhuma banda. Já o segundo parágrafo anuncia a última noite, e diz quem são as bandas que irão tocar. Em nenhum momento são mencionadas as bandas locais e como foi o evento nas noites anteriores.

No dia 06 de outubro de 2001, na edição 1805, saiu impresso no meio do Alto Uruguai um suplemento especial. Foram quatro páginas sobre o 2º Frederico Rock Show. Foram quatro noites de shows, com atrações como Maria do Relento, Papas da Língua, DNA, Mestre dos Fantoches, Censura Livre, Quase sem Querer, Comunidade Nin-Jitsu e Robson Vitalli, sendo portanto uma página para cada dia. A única banda de heavy metal, a Snakes, fazia parte do casting do segundo dia. Com uma pequena nota, as informações trazidas são de histórico das bandas, como o ano em que a banda nasceu, os festivais e shows importantes de que já participaram.

“O Bote das Cobras”: é com esse título e apenas sete linhas que o suplemento chama o destaque para a banda local. Em um único parágrafo, explica o ano que a banda nasceu, e quais shows importantes já foram realizados por ela. Fala do CD demo e o nome dos

integrantes. Um destaque bem menor em comparação às outras atrações, quem ganharam fotos, entrevistas e muito mais linhas.

Para Patrícia Cerutti, que na época ainda não era a editora do jornal O Alto Uruguai, o pouco espaço destinado a uma banda local como a Snakes está relacionado a naquela época o jornal não contar com muitos jornalistas, principalmente especializados ou que tivessem um conhecimento maior. Ela explica que, em 2001, a empresa tinha somente dois jornalistas, onde um trabalha com a região e o outro tinha todas as outras pautas para assumir. Patrícia acredita que naquela época não tinha uma equipe com aproximação, ao contrário de hoje, em que há uma equipe somente para a editoria de Variedades.

Questionada sobre o porquê de nesses festivais as atrações estaduais e nacionais receberem mais espaço que artistas pertencentes ao próprio município em que o jornal encontra-se sediado, Patrícia comenta que “as pessoas tem curiosidade e saber das coisas que são de fora, é um atrativo”. Outro motivo que Patrícia destaca é: “quem sabe a própria banda não tinha uma assessoria, alguém para fazer aquela sensibilização de ir no veículo de comunicação e vender o peixe, se promover, isso talvez também tenha passado batido”.

Após, a banda ficou vários anos sem receber cobertura jornalística dos impressos locais. A única exceção foi a apresentação no 1º Na Mira do Rock, noticiada pelo Alto Uruguai na edição de 16 de julho de 2005, cuja cobertura será analisada mais detalhadamente mais adiante, no capítulo específico sobre o festival em questão. Antes disso, em 2000, tivemos outro evento a passar batido pelas páginas dos jornais do município: o Frederico Reggae Rock, com duas noites de shows, não só de reggae, mas também de rock e heavy metal. Na primeira noite, as bandas que se apresentaram foram Comunidade Nin-Jitsu, Reggae Brasil e Capô de Fusca, enquanto a Snakes se apresentaram na segunda noite junto com as bandas Rosa Tatoada e Eclipse Oculto. O festival aconteceu no ginásio da Escola Estadual Cardeal Roncalli, em Frederico Westphalen, e teve apoio de várias empresas frederiquenses, porém não foi descoberta nenhuma cobertura deste festival por parte do jornal O Alto Uruguai. Entretanto, havia o cartaz em algumas edições do jornal divulgando o festival.

A própria gravação do DVD dos Snakes, no dia 24 de março de 2007, foi noticiada apenas pelo jornal Frederiquense, em 04 de abril, na edição 25. Aqui abro uma exceção para o jornal Frederiquense, por se tratar de um momento importante para a banda.

Destaque em duas colunas, na primeira do jornalista Clomar Toledo, uma entrevista com quatro perguntas, sobre como foi a recepção do público, o futuro em relação ao DVD, como será a venda do mesmo, e, por último, um questionamento sobre se o DVD foi financiado por algum político. Na entrevista, a banda agradeceu muito ao público que esteve

presente, salientando que o objetivo foi alcançado, e respondeu à última pergunta com uma crítica ao ponto de vista de algumas pessoas que não acreditam nos sete anos de trabalho da banda e associam cultura à política.

Na parte social do jornal, sete fotos do público presente no evento, ao lado da coluna “Sem censura”, de “Mr. Rock”, intitulada “Cobras de Frederico”. No espaço, Fuga fala do profissionalismo na banda em montar um palco decente para apresentação, com esculturas, boa iluminação, e até as roupas usadas pelos integrantes. Fuga cita o repertório escolhido pela banda e cada integrante, elogiando as suas performances em seus respectivos instrumentos. Por fim, Fuga comenta que 99,9% do público rock/metal de Frederico Westphalen estava presente, porém outras pessoas da cidade não vieram apoiar a gravação do DVD de uma banda da cidade, e salienta que não foi por falta de divulgação.

Sobre a não realização de cobertura jornalística do DVD dos Snakes por parte de O Alto Uruguai, Patrícia Cerutti falou que em 2007 ela esteve ausente do jornal, mas acredita que isso se deu por falta de interesse por arte das pessoas da banda. “Dificilmente o jornal, quando for evento cultural, vai negar espaço, provavelmente deve ter ocorrido que a banda gravou o DVD, mas as pessoas da banda não contataram por acharem que o jornal não iria se interessar e ficam nesse achismo”, comenta. Possibilidade negada por Murilo Medeiros: “nós procuramos os jornais da cidade, inclusive os apoiadores que apareciam no cartaz e nas propagandas era o Jornal Frederiquense e o Jornal O Alto Uruguai, que eram os dois únicos jornais que existiam na cidade com grande circulação”.

Em um sentido mais amplo, Murilo e os demais integrantes dos Snakes possuem um ponto de vista bem pessimista com relação ao interesse pela cobertura jornalística de bandas locais de rock e metal por parte da mídia frederiquense como um todo, impressa ou não. “Acho que sempre foi fraco em relação a bandas da cidade, por mais que fosse feita uma apresentação com relevância grande e destacasse a cidade, nunca foi feita uma divulgação que valorizar o trabalho realizado”. Já sua irmã, Guta Medeiros, é mais enfática sobre o assunto. “Os meios de comunicação em Frederico Westphalen sempre foram comandados pelos 'coronéis' da cidade, o tão famoso progresso nunca ocorreu pois as prioridades desses coronéis sempre foram a igreja e as demais futilidades que eles e seus familiares faziam. O rock sempre foi muito mal visto nesta cidade e a cobertura sempre foi zero. Nós como componentes da banda é que providenciávamos os anúncios no jornal para divulgação dos shows e cobertura pós-show. Nunca deram apoio pois não fazíamos parte da família de coronéis. O famoso ditado 'santo de casa não faz milagre' cai muito bem aqui. Vou frisar mais uma vez: nunca deram apoio! Não existia cobertura da mídia para os eventos de que participamos. Levamos o nome da cidade para várias outras do estado e nenhum veículo

sequer mencionava. Se não fosse por nós mesmos, nunca procuraríamos saber ou divulgar alguma coisa”. O guitarrista Juliano Backer, por sua vez, explica o que seria a procura deles atrás do meio impresso. “A mídia escrita fez uma reportagem com a banda para uma matéria referente ao dia mundial do rock, no entanto demais matérias publicadas da banda foram espaço pago, além de alguma outra informação publicada devido a evento de terceiros (como o Frederico Rock Show, por exemplo), o que provavelmente foi espaço pago também”.

Murilo ainda acredita que Frederico Westphalen é uma cidade de pequeno porte, e que consequentemente o incentivo à música é muito pequeno, o que faz muitos acreditarem que uma banda é apenas um passatempo. Ele lembra da época em que a RBS TV de Passo Fundo convidou a banda para participar do Jornal do Almoço para falar sobre o DVD. “Nem a conquista de aparecer na televisão despertou o interesse a vontade da imprensa daqui para fazer uma entrevista também”, destaca.

Outra lembrança de Murilo diz respeito a uma música própria da banda, “É o que Não Falta”, que foi censurada numa rádio da cidade. “A gente levou um CD lá para a rádio, que continha, além da nossa música própria, algumas covers. Depois de algum tempo, percebemos que só as covers estavam rodando na rádio, e não a nossa música própria, que seria mais interessante. Depois descobrimos que a música foi censurada por conter a palavra “bosta”, enquanto na mesma época era sucesso no rádio uma música da banda Charlie Brown Jr que continha a palavra “porra”, e que rodava todos os dias nessa emissora”.

Festival Na Mira do Rock

Homônimo do programa de rádio apresentado desde 2003 pelo próprio Fuga, o Na Mira do Rock é um festival realizado anualmente em 2005 em Frederico Westphalen, e que já está indo para a sua oitava edição. Além de representar um espaço para os headbangers frederiquenses (tanto na plateia quanto no palco), o evento já reuniu diversas outras bandas de todo o Estado, tendo trazido também algumas atrações nacionais e até mesmo uma internacional.

A primeira edição, que aconteceu no dia 16 de julho de 2005, contou apenas com a própria banda Snakes. Já sendo uma banda muito reconhecida pelos *bangers* da cidade, o jornal O Alto Uruguai publicou no mesmo dia, na página 13, um quadro de menos de meia página (40%) a respeito, e nenhuma fonte foi consultada. Nesse pequeno espaço, são mencionadas as bandas dos covers executados pelo grupo, além dos agradecimentos – por parte do organizador e da própria banda – ao público e aos patrocinadores do evento.

Não foi encontrada nenhuma matéria sobre a 2º e a 3º edições do festival, realizadas respectivamente nos anos de 2006 e 2007.

Já a 4º edição foi finalmente contemplada em 13 de setembro de 2008, na edição 2165 do jornal O Alto Uruguai, com diagramação de fundo preto, ocupando 70% da página no caderno de cultura. Intitulado “Uma noite de muito Rock e Heavy Metal em Frederico Westphalen”, a matéria tem foto das cinco bandas que se apresentaram no evento.

Nesta matéria, há uma pequena descrição de cada banda. Começando pela banda Tierramystica, de Porto Alegre, temos um breve comentário dos grandes shows que já realizaram abrindo para bandas internacionais. A seguir, a banda TSF (Tijolo 6 Furos) e sua vasta experiência em cima dos palcos. A terceira banda, Scarpast, de Santa Maria, aparece ênfase em sua vertente do metal, o mesmo acontecendo com a quarta banda, a Corax, de Santa Catarina, relatando que seu estilo é o thrash metal. E por último, a Datavenia, banda de Frederico Westphalen, surgida em 2007.

Duas fontes são entrevistadas. Uma é o organizador do evento, Fuga, que diz que uma das regras do festival é apoiar uma banda local, e destaca junto com a outra fonte, Carlos Trelles, diagramador do jornal e também organizador da edição do festival, a importância do apoio de empresas locais para a realização do evento, demonstrando a valorização de bandas de rock e metal no município. Ambas as fontes destacam o crescimento do festival desde seu início.

A 5º edição trouxe para a cidade de Frederico Westphalen um show internacional, de Paul DiAnno, 1º vocalista do Iron Maiden. Na edição 2210, do dia 11 de julho de 2009, ocupando 70% da página do caderno de cultura do jornal O Alto Uruguai, a manchete destaca: “1º vocalista do Iron Maiden faz show em Frederico Westphalen”. A matéria começa falando que o vocalista vai tocar clássicos do metal que inspiraram muitos headbangers – e aí o jornal explica o que é headbanger. A matéria também traz uma breve biografia de Paul Di’Anno, e o que ele representa para o heavy metal mundial.

Na matéria, Fuga explica que o festival surgiu a partir do programa de rádio num canal da cidade. Destaca também que cada festival abre mais portas para contatos com produtores e bandas. Ele ainda ressalta o que motivou a apostar num show internacional: segundo ele, há uma crescente ascensão do rock/metal na região e que, após este show, Frederico Westphalen entra na rota de shows nacionais e internacionais de rock.

A 6ª edição do evento foi coberta pelo jornal em uma matéria colorida, com 40% de espaço utilizado, publicada no caderno Variedades do dia 13 de Março de 2010. Neste ano, a pedidos, a programação do Na Mira do Rock abriu mais espaço para o chamado “classic rock” dos anos 70. As bandas que se apresentaram neste edição foram Anlis, Sabre e a atração

principal Excellence. A matéria descreve o local do evento, uma foto destacando a banda Excellence e um box, colorido, com um release sobre as três bandas.

E na 7ª edição, que aconteceu no dia 11 de outubro de 2011, no Clube Harmonia, O Alto Uruguai abriu espaço novamente para o organizador Fuga falar sobre o evento e como o mesmo cresce a cada ano porque, segundo ele, percebe-se um público novo interagindo com os bangers tradicionais da cidade: “Nestes sete anos, o Na Mira Fest ganhou muitos admiradores. Certamente o público que se fará presente sentirá toda a energia que só o rock pode proporcionar. Bandas de alto nível, juntamente com uma produção eficiente, farão o evento se tornar memorável. A luta para fortalecer o rock em nossa região é árdua, mas compensa quando a cada ano vemos uma moçada nova interagindo em eventos, juntamente com pessoas de mais experiência, essa união é poderosa. Posso dizer que pensar globalmente e agir localmente tem feito a diferença”.

São abordadas na matéria as duas bandas que se apresentaram no evento, mas uma delas recebeu mais destaque. A Banda Phornax teve seu release muito detalhado, explicando sobre o sucesso que suas músicas fizeram nas redes sociais, e seus trabalhos que já lhe renderam reconhecimento nacional e internacional. A outra banda, a gaúcha Cartel da Cevada, figura no jornal com uma breve explicação sobre a sonoridade e suas influências musicais.

Em muitos eventos em que a banda Snakes teve a oportunidade de se apresentar na sua própria cidade, não houve cobertura da imprensa. E, nos que houveram, o destaque foi pequeno para a música local, sem foto, sem entrevista, só com um histórico simples da banda.

Já na cobertura do festival Na Mira do Rock, apesar de não haver nada referente à segunda e à terceira edição, todas as outras tiveram um destaque razoável no jornal. E percebemos um destaque gradual, de edição a edição. E isso pode ser percebido nos espaços destinados às entrevistas do próprio Fuga. Em várias delas, ele cita que o público vêm aumentando em cada ano, e que isso possibilita ter mais atrações de metal na região, e fala também a respeito da possibilidade de o município vir a se tornar uma rota de shows.

Sobre esse aumento gradual de espaço destinado às atrações de rock e metal no município e região, a editora de O Alto Uruguai, Patrícia Cerutti, destaca o papel de Carlos Trelles, diagramador do jornal desde 2006 e que esteve envolvido direto com o Na Mira do Rock até 2009: “ele abriu muito espaço para esse evento, deu a ele relevância e importância. Sempre quando acontece cada edição, ele mesmo traz o organizador, e fecha parcerias que também envolvem espaços publicitários vinculados ao evento, não que isso determine quanto de mídia e espaço vai sair, mas o Carlos faz esse meio-de-campo”.

De sua parte, Carlos Trelles salienta que, “quando cheguei ao jornal, em 2006, eu percebi que não tinha tanto espaço para esse estilo de música, então quando se aproximava de

algum evento ou algum show, eu comentava com alguns jornalistas aqui do jornal, principalmente com antecedência, aí o pessoal começava a divulgar”.

A respeito da divulgação, Fuga destaca a importância de patrocínios. “Procuro buscar pessoas sensíveis a aquilo que você está fazendo, e sabem que ainda é um evento underground e alternativo, e quem mais se interessar, como as empresas podem vir a patrocinar, e desse jeito fazer com que a mídia aconteça. Se conseguir um valor considerável de patrocínio, consigo um espaço maior no jornal, rádio, que são os veículos que consideravelmente dão força”.

Apesar do evento existir há oito anos, Fuga acha que o Na Mira do Rock ainda não é reconhecido pela cidade como poderia ser. Ele acredita que, por ser underground, o festival não é devidamente levado a sério. “As pessoas levam em consideração a quantidade, como por exemplo um baile existente aqui da região, que lota com cinco mil pessoas e já tem uma data certa para acontecer. Já o Na Mira está começando a fixar data na primeira quinzena do mês de outubro e já são oito anos consecutivos. Se fomos pensar pelas bandas que já vieram, pelas pessoas que já compareceram, a oportunidade dada para as bandas, são todas essas peculiaridades fazem o festival se tornar algo profissional. O underground só vive porque existem pessoas com a vontade acima das possibilidades. Eu acredito na minha cidade”.

Fuga avalia que os jornais e as rádios melhoraram muito, porque reconheceram que o trabalho vem sendo melhorado a cada ano, porém ainda há muito o que melhorar, segundo ele. “Muitas vezes funciona assim, ou você tem uma pessoa dentro do jornal, uma influência, ou você tem a grana. A cultura musical não é levada a sério como deveria. A nossa cidade é pequena, então acontece uma troca de valores. Se a mídia não divulga, não há notoriedade por parte das empresas que patrocinam os eventos”.

Datavenia e suas opiniões sobre a cobertura atual do metal frederiquense

Banda surgida em 2007, na mesma época em que a snakes gravava seu DVD e encerrava suas atividades, a Datavenia já possui um single lançado. Seus integrantes possuem opiniões nem sempre idênticas sobre o cenário atual de cobertura jornalística de shows e eventos de rock e de metal, iniciado na segunda metade dos anos 2000 e um pouco diferente daquele encontrado na primeira metade da mesma década, embora ainda com muito por evoluir.

Para o guitarrista Gabriel Quatrin, que mora em Santa Maria, aparecer em jornal é apenas uma formalidade, as notícias ocorrem mesmo pelo boca a boca. Ao contrário de Gabriel, o baixista Guilherme Argenta dá importância para a cobertura jornalística. “Sempre

procuro ver se houve algum anúncio ou notícia nos jornais sobre os festivais, porém dificilmente se manifestam sobre, vemos muito mais quando aparecem bandas de fora com algum nome”. Quanto à visibilidade que a mídia fornece aos eventos, Guilherme “não diria que tem destaque, mas tem seu espaço, sempre houve pessoas que carregam consigo essa bandeira e o valorizam, mas por um lado é compreensível, pois gostando ou não, não é o estilo musical mais apreciado na região, mas a grande pergunta é: se fosse mais valorizado pelas mídias, será que ele não teria mais adeptos?”. O baterista Eduardo Pegoraro complementa dizendo que, “nas poucas vezes em que o assunto é enfatizado, acredito que se ganha um espaço bom, com mídia diferenciada por ser um estilo que não é popular na nossa região, se comparado a outros estilos musicais como o sertanejo e a *e-music*”.

Apesar dessas diferenças internas de opinião, todos consideram que a cobertura jornalística dos shows da própria Datavenia é bastante satisfatória. Gabriel explica que “a banda já tem mais de cinco anos, então passou a ser considerada com mais seriedade na cidade, e depois de alguns shows aparece algum feedback nos jornais”. Porém, Eduardo acrescenta que “já houve casos onde houve uma parceria com o jornal, com a banda contratando um espaço para divulgar uma festa e em troca recebeu uma reportagem”.

O vocalista Gabriel Busatto explica que não foi somente na imprensa escrita que saíram entrevistas, mas também em outros meios, com maior ou menor intensidade. “Já fomos entrevistados diversas vezes por jornais daqui. Fizemos também matérias em blogs e sites. Nas rádios, apenas uma nos dá atenção. Quanto à cobertura dos nossos shows em jornais, O Alto Uruguai foi um dos que mais nos deu destaque certa vez, e geralmente cobre os eventos de que participamos”. Ele ainda acredita que isso acontece pela banda já possuir um certo tempo de estrada. “O problema é que nós, como estamos há anos já tocando aqui em Frederico, de certa forma conseguimos um público fiel, e que, se pra nós já não acontece uma cobertura muito digna ao gênero, imagine para as bandas menores ou que estão surgindo. Na verdade, essa cobertura (ou incentivo) nem existe!”. Entretanto, de um modo geral ele considera que a atenção destinada à Datavenia é positiva. Guilherme Argenta concorda: “felizmente, fomos valorizados por diversos meios de comunicação da cidade. Por diversas vezes, tanto em jornal como em programas de rádio, já foram feitas matérias muito legais falando sobre nós, contando a nossa história e falando do nosso trabalho, e esse reconhecimento é muito bom e recompensador.”.

Opiniões de headbangeres e integrantes de bandas de rock

Para o headbanger Lucas Silveira, existe lugar para o metal nos jornais, mas somente quando envolvem os eventos já conhecidos pelo público metaleiro. “É um interesse muito, muito vago. A princípio, o retorno comercial é instável, uma vez que os eventos maiores acontecem em épocas específicas, e fora dessa época a mídia local não valoriza tanto a cena. É claro que podemos ver algo melhor nos eventos comemorativos do dia mundial do rock ou no Na Mira do Rock, mas em épocas diferentes tudo fica para baixo. O que é uma pena, o público é maior do que se pensa e tem um potencial incrível.”.

O vocalista da banda de rock Fliperama, Sandro Vieira, confirma que é escasso o espaço dado não só para o metal, mas também para o rock de um modo geral. E, quando a Fliperama recebeu algum espaço na mídia impressa, foi por iniciativa da banda procurar os jornais para divulgar notícias a respeito. “Nunca nos foi negado algum tipo de espaço na imprensa escrita e falada, mas pra isso acontecer sempre dependeu de uma iniciativa própria, normalmente temos que procurar os meios de imprensa para divulgarmos alguma novidade ou até mesmo a agenda da banda. Já fizemos algumas poucas reportagens em jornais, mas a coisa acontece apenas naquele momento e depois acaba caindo meio que no esquecimento. Acredito que a mídia esteja preocupada com outros assuntos, no meu entender, bem mais populares”.

5. CONCLUSÃO

Após a realização dessa pesquisa, consegui entender melhor como funciona o jornalismo cultural existente aqui na cidade e procedimentos realizados para que eventos ligados ao underground apareçam nos jornais. Fui buscar como e de que forma foram noticiados os shows da banda Snakes e como é feita a cobertura do Na Mira do Rock.

No início dos anos 2000, ocorreram vários festivais como o Frederico Rock Show, que contou com duas edições, e o Frederico Reggae Rock. Nesses festivais, além da Snakes, se apresentaram outras bandas, de sucesso comercial ou mais conhecidas entre o público, que invariavelmente recebiam maior destaque. Tendo existido predominantemente na primeira metade dos anos 2000, os Snakes ainda pegaram um período totalmente de “vacas magras” em termos de cobertura jornalística de eventos de rock e metal em Frederico e região.

Já para o festival Na Mira do Rock, que teve sua primeira edição em 2005, percebe-se que o espaço aumenta a cada ano. Apenas a segunda e a terceira edição não receberam nenhuma menção por parte do jornal. Porém, em todas as outras edições do evento, sempre saiu uma nota ou matéria a respeito, contando com fotos e entrevistas.

Esse aumento de espaço é destacado pelos integrantes da Datavenia, que se dizem satisfeitos com a atenção recebida tanto dos jornais impressos quanto de outras mídias, como

o rádio e a internet. O discurso da banda é bem diferente do da Snakes, que existiu um pouco antes, mas em um outro momento.

Apesar disso, acredito que o espaço destinado ao heavy metal local é ainda muito pequeno se comparando a outros eventos de outros estilos existentes. Uma das razões é a falta de material humano especializado em jornalismo cultural e musical trabalhando nos jornais, sendo que alguns talvez sequer conheçam direito o metal. Problema que se acentua em jornais do interior e a sua estrutura empresarial precária, a ponto de haverem poucos jornalistas não apenas para uma editoria específica, mas também para o próprio jornal como um todo. Tanto que no início dos anos 2000, época do surgimento dos Snakes, O Alto Uruguai contava com apenas dois profissionais. Esse número aumentou muito de lá para cá, refletindo-se consequentemente também no aumento da qualidade das notícias sobre metal e do jornal em sua totalidade. Mas em ambos os itens ainda há muito o que ser melhorado. Outro sinal da precariedade típica de empresas jornalísticas que enfrentam dificuldades de sustentação financeira diz respeito à alegação, por parte de alguns entrevistados, de já se verem na necessidade de pagar para obter espaço nos jornais.

Por fim, não pode deixar de ser lembrado um outro aspecto que deveria receber mais atenção: a falta de arquivo nos jornais impressos de Frederico Westphalen. Dos três veículos existentes no município, apenas O Alto Uruguai cumpre a tarefa básica de disponibilizar seu acervo. Razão pela qual o jornal se tornou o único objeto desta pesquisa. Que, como tantas outras, possui a finalidade de contribuir para o aprimoramento do jornalismo praticado no município e na região.

BIBLIOGRAFIA

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Ed. Contexto, 2007.

JANOTTI JÚNIOR, Jeder. **Aumenta que isso aí é rock and roll: mídia, gênero musical e identidade**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2003.

SILVA, Jaime Luis da. **O heavy metal na revista Rock Brigade: aproximações entre jornalismo musical e identidade juvenil**. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/14932>>. Acesso em: 25 Out. 2011.

LEÃO, Tom. **Heavy Metal – guitarras em fúria**. São Paulo: Editora 34, 1997.

HELAL, Diogo Henrique; PIEDADE, Adriana Ferreira. **Modernos ou pós-modernos? Um estudo exploratório sobre o comportamento de consumo dos emos em Belo Horizonte.** São Paulo. Vol. 7. N. 18. p.171-192. mar. 2012

JÚNIOR, Marcos Vinicius de Oliveira. **Do underground ao mainstream: uma etnografia do heavy metal em Brasília.** Brasília. 2011.

SALDANHA, Rafael Machado. **Rock em Revista: o jornalismo de rock no Brasil.** Juiz de Fora: UFJF; Facom, 1. Sem. 2005.

VEIGA, Luciana. & GONDIM, Sônia Maria Guedes. **A utilização de métodos qualitativos na Ciência Política e no Marketing Político.** *Opin. Publica.* 2001, vol.7, n.1, pp. 1-15. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-62762001000100001&script=sci_arttext#back1. Acesso em: 27 Out. 2012